



Viagem Apostólica  
de Sua Santidade  
Bento XVI a Portugal

## Preparação da Visita do Santo Padre ao Patriarcado de Lisboa

### Primeira catequese preparatória dirigida ao Povo de Deus

---

#### Ainda precisamos de Pedro?

1. Os meios de comunicação social e, com eles, muitos cristãos, olham hoje para o Papa como alguém importante, sem dúvida, mas que é apenas mais um entre tantos outros líderes «morais» da humanidade. Ao lado dos poderosos líderes políticos, existiram sempre aqueles homens e mulheres que, por aquilo que fizeram em prol da humanidade, por aquilo que sofreram pela liberdade do seu povo, ou que pela sua honestidade, honradez e verticalidade, se tornaram «referências morais» da humanidade. Para eles todos olham – mesmo após a sua morte – procurando inspirar-se nas suas acções e nos seus pensamentos.

O Papa, pelo facto de se encontrar à frente de muitos milhões de crentes espalhados pelo mundo, é visto muitas vezes assim, pelo menos por aqueles que o vêem «de fora». Não admira por isso que nem sempre as suas afirmações sejam compreendidas, até por alguns que se dizem católicos. Daí escutarmos muitas vezes: «a Igreja devia adaptar-se ao mundo de hoje»; «aquilo que a Igreja defende está fora de moda», e outras expressões semelhantes. Assim, alguns sentem-se na liberdade de tomar do Papa apenas aquilo que concorda com as suas opiniões, deixando de lado todas as outras «declarações», e justificando esta atitude com a autonomia da sua «consciência». Mas importa que nos perguntemos: o Papa será mesmo apenas um «líder moral» da humanidade, propondo as suas opiniões para os que as quiserem seguir, mesmo quando se dizem católicos?

Sem dúvida que a pessoa do Papa não figura ao lado dos poderosos chefes políticos («quantos militares tem o Papa?») - terá um dia, já próximo do fim da II Guerra Mundial, interrogado ironicamente Estaline, Presidente da então União Soviética, quando alguém lhe recordou que, na libertação da Itália do nazismo, havia que contar com o Papa). É certo que Deus deu à Igreja do século XX figuras de Papas cujo prestígio moral foi muito além do mundo católico. Basta recordar Pio XII, João XXIII, Paulo VI e João Paulo II, para elencarmos apenas aqueles mais próximos de nós, e cujo processo de beatificação ou está para se concluir ou já se encontra concluído. Sabemos que, infelizmente, nem sempre foi assim. Mas o facto é que o serviço de Pedro na Igreja vai muito além da simples opinião, dos gestos simbólicos aplaudidos por todos e da liderança moral da humanidade.

2. Paremos pois um pouco para nos interrogarmos: quem é Pedro? Ele é, em primeiro lugar, a «pedra». Vejamos mais de perto o texto do Evangelho (Mt 16,13-19):

<sup>13</sup>Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» <sup>14</sup>Eles responderam: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas.» <sup>15</sup>Perguntou-lhes de novo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» <sup>16</sup>Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.» <sup>17</sup>Jesus disse-lhe em resposta: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu. <sup>18</sup>Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. <sup>19</sup>Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu, e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu».

Notemos, logo no início, como Jesus interroga os discípulos acerca daquilo que os outros dizem sobre si próprio: simples curiosidade? Necessidade de saber se está ou não a ser bem compreendido? Certamente que Jesus se encontrava para além de tudo isso. Mas demo-nos conta, já à partida, de algo importante: Jesus não interroga o seu grupo mais chegado acerca daquilo que a «opinião pública» pensa sobre o seu ensino, mas sobre aquilo que Ele é. Esta é a questão decisiva para os cristãos: aquilo que Jesus é (que, certamente, transparece no que Ele ensina e diz, mas que vai muito mais além: transparece nos seus gestos e atitudes, em toda a sua pessoa). Os discípulos vão respondendo com as várias opiniões que escutaram: uns dizem que é João Baptista que voltou à vida, outros dizem que é Elias finalmente regressado do céu, e outros que é Jeremias ou um profeta.

É então que Jesus coloca a questão decisiva (quase parece que a primeira interrogação não foi senão o caminho para esta segunda, verdadeiramente mais importante): «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Com efeito, agora os discípulos são convidados a dar uma resposta que os compromete e à sua existência, diante do próprio Jesus – é que não se trata de mais um daqueles diálogos entre discípulos, sobre se o Mestre é ou não bom, se vale ou não a pena deixar tudo para O seguir, ou até sobre quem, entre eles, seria o mais importante...

Não é difícil imaginar um certo embaraço de todos, tanto mais que esta questão já a tinham colocado várias vezes, sem terem chegado a grandes resultados (recordemos, por exemplo, Mt 8,27, depois de Jesus ter acalmado a tempestade, quando os discípulos se interrogam: «quem é este homem?»). Mas, no meio deste momento de embaraço, Pedro toma a palavra para responder em nome de todos: «*Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*». Pedro expressou a fé comum, a fé cristã.

Se o relato ficasse por aqui, poderíamos pensar que Pedro seria o discípulo mais brilhante, ou o mais inteligente. Mas não: Jesus retira a Pedro qualquer mérito na resposta, quando lhe diz: «*não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu*». Quer dizer: Pedro professou correctamente a fé, não por ter interrogado os outros sobre as respectivas opiniões e, depois, ter dado voz à opinião da maioria, ou (muito menos) por ser mais inteligente que os demais; aliás, segundo diz Jesus, nem sequer a fé cristã é uma atitude que seja simplesmente fruto da sabedoria humana: foi o Pai quem a revelou, quem a ensinou, quem a mostrou. Então, podemos também perceber que, se Pedro foi escolhido pelo Pai para, em nome de todos, professar a fé revelada, ele tenha igualmente sido escolhido por Deus para ser a «pedra». E, por isso, Jesus diz-lhe logo de seguida: «*Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu, e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu*».

A vocação de Pedro já tinha sido definida anteriormente, quando Jesus o convidou a deixar as redes para passar a ser «Pescador de homens» (Mt 4,19); mas, agora, ela torna-se ainda mais clara e definida: trata-se de ser a «pedra» segura, o ponto de referência que afirma a fé que todos partilham e que é muito mais que a simples opinião da maioria, mas é antes ensinada por Deus, fruto da revelação que o Pai faz acerca de

Jesus, e à qual todos são convidados a aderir e a fazer sua. É assim que Pedro e a fé por ele professada e ensinada se encontram na base da construção da Igreja.

A profissão da fé (atitude em que o ser humano se entrega total e livremente nas mãos de Deus, porque reconhece em Cristo o «Filho único do Pai») não se limita, no entanto, ao «falar». Com efeito, «professar a fé» não é simplesmente questão de palavras: é sobretudo questão de vida que, é certo, coincide e é guiada pelas palavras ditas, de tal modo que Pedro, com o seu martírio em Roma, a irá confessar até ao fim.

Não nos pode pois espantar que àquele que tem por missão professar a fé revelada pelo Pai e que é a fé comum, a fé da Igreja, Jesus acrescenta ainda uma outra tarefa: *«Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu»*. Ou seja: Jesus quer que Pedro continue a tarefa que o Pai tinha confiado ao próprio Jesus de ligar a terra e o céu, conduzindo a todos até Deus. Assim, percebemos também como o «poder das chaves» não é qualquer coisa que se encontre à disposição do livre arbítrio do Apóstolo: é antes a garantia, dada pelo próprio Jesus, de que Pedro (e a Igreja que o tem a ele e aos demais Apóstolos nos seus alicerces) nunca se enganará em matéria da verdadeira fé, não por causa dos seus méritos ou sabedoria humana, mas porque essa fé é revelada por Deus, e a Igreja nela persevera e caminha, ao longo dos séculos e no meio de não poucas dificuldades.

3. Tudo isto não significa que Pedro deixe de ser homem, e até, deixe de pecar (chegará mesmo a negar o Senhor, durante a paixão); mas significa que, naquilo que é central para a fé, ou seja, quando Pedro professa, em nome de todos, a fé que o Pai revelou, ele não erra. E, por isso, o Apóstolo e os seus sucessores (os Papas), continuarão, para sempre, a ser um guia seguro para que o ser humano chegue ao conhecimento e à vivência da Verdade que é Jesus e, desse modo, a salvação (a vida com Deus) possa estar ao alcance de todos. É também por isso que Pedro escuta de Jesus, quando este anuncia a traição do discípulo, uma outra especificação das suas tarefas: «Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando tiveres voltado, confirma os teus irmãos» (Lc 22,32).

A tarefa entregue a Pedro de professar a fé revelada por Deus adquire aqui uma outra faceta importante: confirmar os irmãos na fé. Quer dizer: assegurar aos irmãos que aquilo em que acreditam não é uma opinião nascida do seu pensar, mas é a verdadeira fé. E, deste modo, Pedro passa a ser também, a expressão da unidade, o sinal visível da comunhão que é a Igreja.

A comunhão é o modo de viver de Deus: Ele é Pai, Filho e Espírito Santo, uma relação de amor, de que o próprio Deus nos quer fazer participantes através do Baptismo e na vida activa e consciente da Igreja. Assim percebemos também que a fé cristã não consiste apenas em acreditar em verdades doutrinárias: ela é participação na vida de amor que une o Filho de Deus ao Pai e, por isso, é vida, amor de Deus em nós, que nos permite ultrapassar os egoísmos e viver em comunhão com os irmãos. Desta vida concreta, que une todos os baptizados no novo Povo de Deus que é a Igreja, também Pedro é o sinal, a expressão a visibilidade última e primeira: a ele estão unidos os outros sucessores dos Apóstolos, os Bispos, e a estes estamos unidos nós os outros cristãos, que deste modo temos a certeza de viver não numa mera organização humana, mas na Igreja querida por Jesus Cristo. Quando Pedro nos confirma na fé, está a exercer este seu ministério de ser a expressão da comunhão que é a Igreja, espalhada por todos os cantos do mundo.

4. Isto não impede, como é óbvio, que o Papa tenha as suas opiniões, muito humanas, os seus gostos e as suas predilecções. Recentemente, o Papa Bento XVI reconhecia-o, ao afirmar no início do seu livro *Jesus de Nazaré* que, ali, o leitor encontraria o crente e o teólogo, mas que a obra não constituía «magistério» e que, por isso, discordar de alguma das posições teológicas ali defendidas não configurava necessariamente um afastamento da fé verdadeira. Trata-se, no entanto, de situações habitualmente raras: o Papa, quando fala para todos, não dá opiniões, ensina. E, quando o faz, tem presente não apenas a situação de uma parte mas de toda a Igreja: ele manifesta, publicamente, a fé em que todos se devem rever, a fé que chegou até nós e ao mundo inteiro, e que nos permite afirmar que, em Portugal, temos e vivemos a mesma fé que os nossos irmãos do Iraque, que por causa dela são perseguidos e expulsos do seu país, da China ou da Austrália, e que temos e vivemos a mesma fé de S. Pedro, de S. Paulo, da Virgem Maria, de S. Agostinho de Hipona, de S. Francisco de Assis, de S. Teresa de Ávila, de S. Inácio de Loyola, da Beata Teresa de Calcutá e de João Paulo II.

A figura de Pedro, o seu ministério, no seio da Igreja e do mundo, está pois bem longe da simples expressão de opiniões humanas. Certamente: o discernimento que ele é chamado a fazer é «pastoral», ou seja, ainda que nem sempre tenha a ver com o núcleo da fé, é tarefa do Papa mostrar como viver uma determinada situação no melhor modo em que um cristão o deve fazer naquele determinado momento; mesmo isso há-de ser acolhido não como mais uma opinião entre muitas outras, mas antes como aquilo a que o sucessor de Pedro nos convida.

O mundo pode gostar ou não daquilo que o Papa diz. Mas nós, cristãos, não podemos deixar de estar sempre com Pedro. Não se trata de opiniões ou gostos: trata-se da necessidade de vivermos a fé que Pedro professa, e que coincide com a Verdade que o Pai revelou para a nossa salvação.

Para o diálogo em grupo ou para a reflexão individual:

1. Rer o texto, se necessário procurando esclarecer as dúvidas.
2. Como temos vivido a fé da Igreja? Procuramos fazê-la nossa?
3. Procuramos estar atentos ao ensino do Papa? Como temos lido e acolhido as suas encíclicas e os seus pronunciamentos?
4. Que podemos fazer para melhorar o conhecimento e a divulgação do ensino de Pedro?
5. Somos capazes de aderir ao ensino de Pedro, procurando conhecer as suas razões, mesmo quando ele não é do agrado da opinião pública?

---

Autor do Texto: Cónego Nuno Brás da Silva Martins

***Secretariado de Acção Pastoral do Patriarcado de Lisboa, 2010***